

Livros para preencher

Ana Elisa Ribeiro
PPG em Estudos de Linguagens do CEFET-MG
anadigital@gmail.com

Eles são muitos. Livros de alta vendagem para colorir, preencher, escrever. Alguns exemplos de livros de colorir são o *Jardim secreto – Livro de colorir e caça ao tesouro antiestresse* e *Floresta encantada*, de Johanna Basford (Tradução de Renata Dib), pela Sextante; *Arte como terapia – livro para colorir antiestresse*, de Hannah Davies, Cindy Wild e Richard Merrit (tradução de Amanda Arruda), editora Queen Books. Já os livros de preencher – lacunas, frases, páginas – são, por exemplo, *Listografia – sua vida em listas*, de Lisa Nola e Nathaniel Russel (tradução de Rogério Durst), publicado no Brasil pela editora Intrinseca, assim como *Termine este livro*, de Keri Smith (pelo mesmo tradutor) e *Destrua este diário* (mesmo autor, tradutor e editora); ou *1 página de cada vez – Um diário diferente*, de Adam J. Kurtz (tradução de Giu Alonso), editora Paralela. Bem antes destes, já era possível comprar *Smart games*, apenas para ter folhas de jogos como “forca” ou “stop” e *Caderno de rabiscos*, de Claire Fay (Intrinseca), com versão para “adultos entediados no trabalho” e “adultos que querem chutar o balde”.

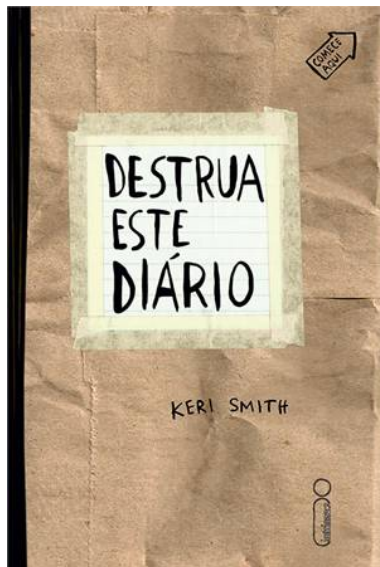


Fig. 1. Capa de *Destrua este diário*, de Keri Smith, que tem ainda os volumes verde e vermelho.

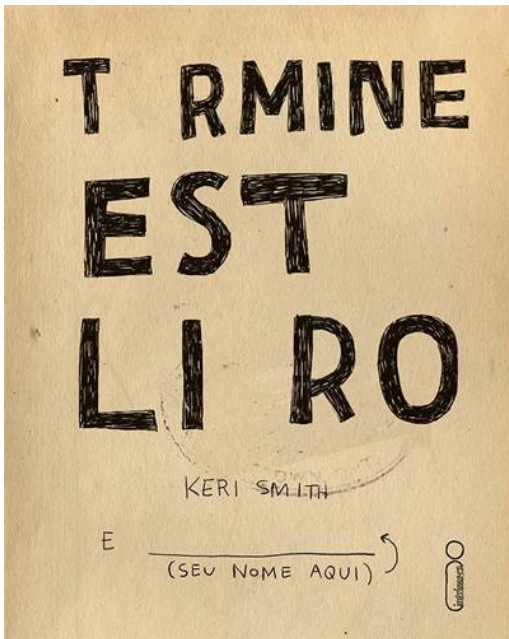


Fig. 2. Capa de *Termine este livro*, de Keri Smith, que já incita o leitor a escrever na capa.

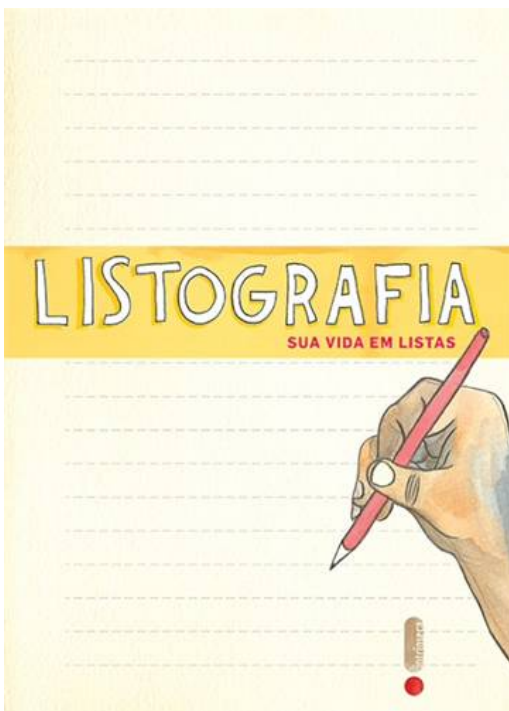


Fig. 3. Capa de *Listografia*, que incita o leitor a produzir listas de sua vida.

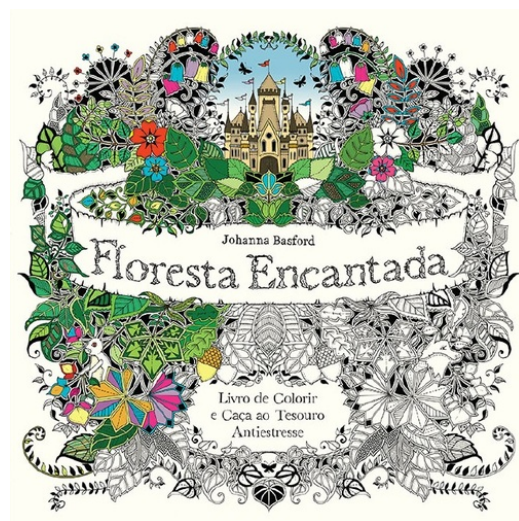
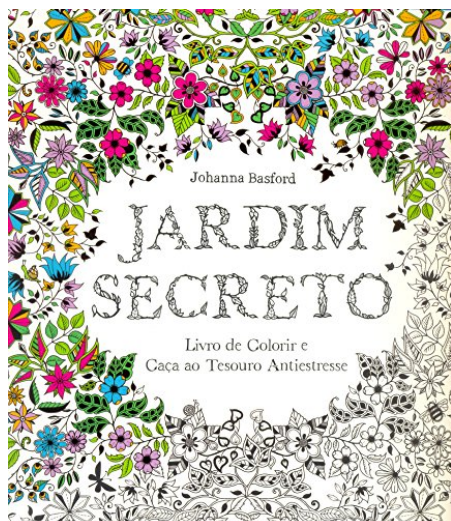


Fig. 4. Capas de livros de colorir de Johanna Basford.

Segundo o portal PublishNews (2015), no período de 30 de março a 5 de abril de 2015, *Jardim secreto* era o primeiro lugar em vendas, na lista geral, e *Floresta encantada*, o terceiro lugar, apenas com *Philia*, do Padre Marcelo Rossi (editora Principium), entre eles. Na lista de não ficção, os livros de desenhar ocupam os dois primeiros lugares, seguidos do terceiro, o Bispo Edir Macedo (editora Planeta). Keri Smith também aparece no ranking, quando a lista segue o critério de editoras, sendo que *Intrinseca* e *Sextante* são as campeãs gerais de vendas e dos topos de listas.

A despeito das polêmicas surgidas em redes sociais sobre a “moda” desses livros, especialmente os de colorir para adultos, é fundamental iluminar esse fenômeno com noções que apenas a história de longa duração pode dar. Serão novidades? Modas contemporâneas? Que relação esses produtos editoriais têm com o discurso sobre eles? Em que um desses livros “antiestresse” difere de obras publicadas cinco séculos atrás?

Essas questões são respondidas por Roger Chartier, em mais um de seus esclarecedores textos sobre a história do livro no mundo. Em “O livro e seus poderes” (CHARTIER, 2009), o historiador aborda a produção de impressos para além dos livros literários e de prestígio, elemento fundamental para a sobrevivência das tipografias ao redor do planeta. Tanto em países europeus quanto no Brasil, a história das gráficas tem estreita relação com a impressão de folhetos, volantes, jornais e impressos que não se identificam com o livro. Mesmo entre os livros, muitos gêneros diferentes, para diversificados usos, foram encomendados. Entre eles, os livros de escrever, isto é, que

estiuulavam uma associação ainda hoje simpática entre formas impressas e manuscritas de produção textual.

Segundo Chartier (2009), a invenção da prensa (tipografia), séculos atrás, não significou a extinção do manuscrito. Parece-lhe claro que novas formas de inserção da escrita a mão foram sendo produzidas e incentivadas, inclusive por obras que “incitam seus compradores a cobrir com sua escrita os espaços que a impressão deixou em branco” (p. 17). Isso sem mencionar os inícios da produção de códices, ainda antes mesmo da prensa, quando a numeração de páginas e outras anotações já eram tarefa do leitor.

Esse tipo de livro a ser preenchido leva o nome de “edição efêmera”, segundo o historiador, e mesmo na produção didática, conhecida de grande parte das pessoas nos dias de hoje, esse material levava o nome de “livro consumível”. Enquanto Chartier se refere aos séculos XV, XVI e XVII, nosso passeio pelas livrarias do século XXI reforça a certeza de que o manuscrito continua incitado em produtos vendidos sob novos discursos, quais sejam: o da terapia ou o da arte (no fundo, também terapêutica) e mesmo o da interatividade. No entanto, se, no século XV ou XVI, esses objetos tinham má qualidade, isto é, “mal sobrevivem ao tempo de sua vida útil” (p. 33), hoje em dia, eles são bonitos, chamativos e atraentes a um público que talvez os guarde como lembrança, especialmente no caso das *listografias*.

É importante, portanto, não apenas conhecer aspectos da produção editorial contemporânea e suas “modas”, mas também ter clareza de que mesmo objetos e produtos que se lançam como novidades, sob discursos atuais, como o da qualidade de vida, estão, ainda, inspirados em objetos já conhecidos da humanidade de outros séculos. Vivemos, portanto, uma febre editorial cuja genealogia é conhecida e atraente para o leitor/consumidor desde sempre.

Referências

CERTEAU, Michel de. (2008) **A invenção do cotidiano** – Artes de fazer. 14 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes

CHARTIER, Roger. O livro e seus poderes. (séc. XV ao XVIII). In: COUTINHO, Eduardo; GONÇALVES, Márcio. **Letra impressa**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PUBLISHNEWS. Mais vendidos. Disponível em: <<http://www.publishnews.com.br/telas/mais-vendidos/Default.aspx>>. Acesso em 16 abr. 2015.